


MASCULINIDADES NEGRAS HOMOSSEXUAIS EM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS INTERSECCIONAIS

BLACK HOMOSEXUAL MASCULINITIES IN INTERSECTIONAL AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES

Pedro Ivo SILVA*

 <https://orcid.org/0000-0003-4403-9794>
UFCAT

Tatiana NASCIMENTO**

 <https://orcid.org/0000-0003-1986-2033>
UFSC

Recebido em 08/09/24. Aceito em 16/04/25

Resumo: Este artigo tem como objetivo desvelar sentidos, sejam subjetivos ou sociais, de masculinidades negras homossexuais que emergem das narrativas autobiográficas de três integrantes do *Coletivo Afrobixas*. Essas narrativas fizeram parte da pesquisa de mestrado de Pedro Ivo Silva (2017), a qual foi publicada em forma de livro com o título *Narrativas Afrobixas* (2020). O *Coletivo Afrobixas* foi criado em Brasília/DF com o objetivo de promover estudos e vivências interseccionais acerca de negritudes, sexualidades, identidades de gênero e diversas outras expressões de *bixas* negras na sociedade. Abordagens fenomenológicas (SANDERS, 1982; MOREIRA, 2004; RIBEIRO JÚNIOR, 2003) e princípios teórico-metodológicos sobre histórias de vida e narrativas (auto)biográficas (JOSSO, 2004; CHIZZOTTI, 2011) conduzem o estudo e a interpretação possibilitados pelo *corpus*. O aporte teórico utilizado trata das discussões em torno das representações de masculinidades advindas da construção interseccional (CRENSHAW, 1989) entre as categorias identitárias negritude (MUNANGA, 2009) e homossexualidade (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). Nesse esteio, lançamos novos olhares interpretativos sobre o tema, de modo a perceber a (res)significação que os narradores participantes imprimem sobre suas vivências, especialmente quando se referem à pertença ao Coletivo Afrobixas e à reflexão crítica que foram estabelecendo nesse grupo sobre modelos e valores socialmente hegemônicos que recaem sobre seus corpos. As narrativas autobiográficas selecionadas parecem ampliar o

* Doutorando em Estudos da Linguagem (PPGEL-UFCAT) e docente efetivo do Instituto Federal de Brasília (IFB). E-mail: pedro.ivo@ifb.edu.br.

** Doutora em Estudos da Tradução (UFSC). E-mail: palavrapreta@gmail.com.

entendimento fenomenológico sobre a dimensão em que negros homossexuais constroem suas masculinidades vinculadas a questões raciais, de classe e de orientação sexual, evidenciando sua racialidade de maneira mais contundente ante outros aspectos emergentes em suas histórias de vida.

Palavras-chaves: Negritude. Homossexualidade. Coletivo Afrobixas. Masculinidade(s) negra(s). Narrativas autobiográficas.

Abstract: This article aims to uncover the subjective and social meanings of black homosexual masculinities that emerge from the autobiographical narratives of three members of the Coletivo Afrobixas in Brasília/DF. These narratives were part of a Master's research of Pedro Ivo Silva (2017) and published as a book titled *Narrativas Afrobixas* (2020). The study and interpretation of the corpus are guided by phenomenological approaches (MOREIRA, 2004; RIBEIRO JÚNIOR, 2003) and theoretical-methodological principles on life stories and (auto)biographical narratives (JOSSO, 2004; CHIZZOTTI, 2011). The theoretical framework addresses discussions on the representations of masculinities arising from the intersectional construction (CRENSHAW, 1989) between the identity categories of blackness (MUNANGA, 2009) and homosexuality (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). In this context, we offer new interpretative perspectives on the subject to understand the (re)signification that the participant narrators imprint on their experiences, especially regarding their belonging to the Afrobixas Collective and their critical reflection on socially hegemonic models and values established within this group. The selected autobiographical narratives seem to broaden the phenomenological understanding of how black homosexuals construct their masculinities, linked to issues of race, class, and sexual orientation, highlighting their racial identity in the face of other emerging aspects in their life stories.

Keywords: Blackness. Homosexuality. Afrobixas Collective. Black masculinity(ies). Autobiographical narratives.

Primeiras considerações

Em seu texto *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, a pesquisadora Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004) convida mulheres escritoras de cor¹ do terceiro mundo – não brancas, negras, ameríndias, mestiças, asiático-americanas, etc. – a repensarem sua escrita a partir de suas subjetividades não hegemônicas, inclusive em termos do exercício de sua sexualidade, tirando as amarras da formalidade acadêmica branco-eurocêntrica ou da legitimação patriarcal branca *cis-heterossexista*² sobre seus textos. Para a autora, tudo isso deve ser dispensado a fim de “(...) evocar as realidades pessoais e sociais – não através da retórica, mas com sangue, pus e suor” (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Ante essa (res)significação da escrita por meio de experiências marcadas por olhares *ex-cêntricos* – isto é, que se deslocam do centro hegemônico ocidental –, conforme discutido

¹ Mantivemos o campo semântico anglófono em que a expressão “de cor” é categoria endêmica e não traz a carga pejorativa que o mesmo termo apresenta no contexto do português brasileiro.

² Heterossexismo pode ser entendido como “(...) ideologia que prega a heterossexualidade como a única sexualidade aceitável no meio social” (VECCHIATTI, 2012, p. 38). Refere-se, ao longo do texto, à heterossexualidade hegemônica, de caráter estrutural, portanto exercida por pessoas cisgênero. Segundo Jesus (2012), o termo cisgênero refere-se à pessoa que se reconhece com o mesmo gênero que lhe foi designado social e medicamente no nascimento, com base no seu órgão genitor.

por tatiana nascimento³ (2019) em *cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor*, compreendemos que a produção de conhecimento a partir de histórias de vida narradas, sobretudo quando compartilhadas, pode revelar realidades socialmente marginalizadas. Isso porque, como afirma Castro (2014, p. 183), “narrar torna-se sinônimo de diálogo consigo, com o outro, com o mundo”. Nessa ótica, a presente pesquisa assume relevância ao possibilitar o reconhecimento social e acadêmico de sujeitos cujas identidades permanecem à margem dos eixos hegemônicos da produção científica tradicional.

Embora seja possível o estudo individual das categorias raça, classe e gênero – dentro de parâmetros próprios de cada uma delas acerca das formas de poder exercidas socialmente – intersecções possíveis entre essas categorias, bem como destas com outras, como a sexualidade – vêm sendo estudadas desde a década de 1980 por pesquisadoras negras como Lélia Gonzalez (1935-1994), Angela Davis (1944 -) e Audre Lorde (1934-1992). Suas análises sociais em obras sobre a condição das mulheres negras em seus contextos sociais contribuíram de maneira original e significativa para a teoria social crítica⁴, o que preparou as bases para o surgimento da teoria da interseccionalidade de Kimberlé Williams Crenshaw (1965 -), dentro dos estudos do feminismo negro. Para Crenshaw (1989), injustiças e desigualdades sociais sistêmicas ocorrem em uma base multidimensional, sendo que conceituações clássicas de opressão dentro da sociedade – tais como por raça, classe ou gênero – não agem de maneira independente umas das outras, mas se inter-relacionam, configurando seu caráter interseccional.

Nesse esteio, a teoria da interseccionalidade permitiria um entendimento mais complexo e dinâmico das relações humanas, para além do foco dado a um único aspecto social. Isso implicaria dizer que o entrelaçamento das categorias de gênero, raça, classe ou sexualidade é simultaneamente subjetivo, estrutural e diz respeito a posicionamentos sociais nas práticas cotidianas (BRAH; PHOENIX, 2004). Adotamos tal conceituação para analisar relatos de *bixas pretas* sobre si, em narrativas autobiográficas, também com base na proposição de Lorde (2000) acerca da importância do reconhecimento à diferença e da multiplicidade que compõe cada subjetividade.

Ao revisarmos a dissertação de mestrado de Pedro Ivo Silva (2017), *Afrobixas: narrativas de negros homossexuais sobre seu lugar na sociedade*, adentramos a pesquisa realizada entre 2015 e 2017, em que o autor analisa os sentidos narrativos presentes em relatos autobiográficos de negros homossexuais, explorando como tais narrativas se articulam com questões identitárias interseccionais e opressões sociais. Publicado posteriormente como livro em 2020, sob o título *Narrativas Afrobixas*, o trabalho nos permitiu acessar, na íntegra, as transcrições dos depoimentos orais dos participantes – disponíveis nos anexos da obra. Nesse sentido, consideramos elaborar este artigo com o objetivo de atualizar olhares e interpretações possíveis acerca de algumas daquelas transcrições.

Para essa atualização, tomamos por base aspectos interseccionais entre *negritude* e *homossexualidade* na análise interpretativa dos textos. Com isso, identificamos o tema da

³ A autora grava seu nome em letras minúsculas na assinatura de seus trabalhos e optamos por respeitar essa forma ao longo do texto, assim como também o faremos em relação à grafia do nome da pesquisadora bell hooks nas citações, pelo mesmo motivo.

⁴ Filósofos como Max Horkheimer (1895-1973), Theodor Adorno (1903-1969) e Herbert Marcuse (1898-1979) foram pioneiros na formulação dessa abordagem, que se propõe a criticar as condições sociais e culturais impostas pelo capitalismo e pela modernidade. Sua aplicação se estende a diversas áreas do conhecimento humano, com intuito de compreender e intervir em questões sociais, especialmente aquelas relacionadas à desigualdade e exclusão.

construção de masculinidades negras dissidentes de padrões hegemônicos, impostos pelo *racismo* e pela *heterocisnormatividade*, emergindo de maneira recorrente nas narrativas autobiográficas de três dos cinco narradores participantes da pesquisa de Silva (2020).

Ao tomarmos por base a pesquisa de Silva (2020) e o trabalho do pesquisador Kabengele Munanga (2004), adotamos nesta análise o entendimento de que o *racismo* se trata uma estrutura de dominação sustentada por um sistema político-ideológico baseado em hierarquias raciais. Ele se manifesta tanto em ações individuais quanto em mecanismos institucionais, perpetuando a supremacia branca como norma hegemônica no Ocidente. Ao estabelecer padrões socioculturais eurocêtricos como universais, esse sistema marginaliza e subalterniza populações negras (e outras minorias étnico-raciais), confinando-as a posições sociais desprivilegiadas e negando o pleno reconhecimento de suas identidades, histórias e contribuições. Dessa forma, o racismo não apenas inferioriza, mas também naturaliza desigualdades, reforçando a exclusão sistêmica.

Sobre os padrões de *heterocisnormatividade*, consideramos compreendê-los no sentido do chamado *dispositivo heterocisnormativo*, explanado pelo pesquisador Pedro Camarano (2020), ao analisar seu funcionamento como mecanismo de controle social imbricado em instituições e discursos. Segundo sua explanação, esse dispositivo agiria como:

(...) um conjunto de mecanismos, sejam eles ditos ou não ditos, que engloba práticas culturais, sociais, históricas, jurídicas, instituições e discursos, que funcionando em função de uma estratégia de poder dominante, reforçam condutas heterossexuais e cisgêneras, considerando-as como normais, verdadeiras e saudáveis (CAMARANO, 2020, p. 97).

Desse modo, a heterocisnormatividade não seria apenas um padrão, mas um regime de verdade que disciplina corpos e desejos, reproduzindo desigualdades estruturais como um dispositivo de poder. Como discorreremos mais adiante, a análise interpretativa do *corpus* de nosso estudo desvela aspectos transgressores a esses padrões, principalmente em relação a forma como os narradores participantes se compreendem no mundo a partir da cor de sua pele e das performances de masculinidade esperadas pela sociedade nessa correlação discursiva entre raça e sexualidade.

No que tange às categorias da negritude e da homossexualidade para a identificação do tema emergente, a primeira é por nós entendida como a complexidade étnico-racial negra, em sua dimensão identitária biológica, ancestral e ontológica, consoante o que expõe Munanga (2009). Já em relação à segunda, adotamo-na como uma expressão da sexualidade humana orientada pelo desejo afetivo-sexual entre sujeitos do mesmo gênero⁵, no esteio das reflexões de Lins, Machado e Escoura (2016).

Como *corpus* do artigo, selecionamos as narrativas autobiográficas de Malcolm, Danilo e Rodrigo⁶, respectivamente de 23, 21 e 21 anos. Em seus textos, eles se autorreferenciaram como

⁵ Adotamos, neste trabalho, o entendimento abrangente de que a orientação do desejo não se remete ao sexo biológico do sujeito desejado, mas ao gênero construído socialmente, podendo as identidades destoar da coerência esperada entre sexo e gênero. Apesar disso, algumas menções ao longo do texto sobre a homossexualidade e aos homossexuais farão referência ao sexo biológico para a compreensão das discriminações históricas ocorridas devido à suposta naturalização da relação sexo/gênero/orientação sexual (FERNANDES, 2015).

⁶ Os nomes reais dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos na pesquisa de Silva (2020), no intuito de preservar suas informações pessoais.

negros homossexuais e, dentro do escopo de interação com outros membros do Coletivo, como *bixas*. Este termo foi adotado pelo grupo, uma vez que, para além da identificação racial negra de seus membros, compreendiam-se também como pessoas destoantes dos padrões compulsórios exigidos pelo dispositivo heterocisnativo (CAMARANO, 2020).

Cumprе ressaltar que a escolha das narrativas autobiográficas para o artigo seguiu a perspectiva do tema discutido neste trabalho com base nas orientações da fenomenologista Patricia Sanders (1982). A autora sugere que, de acordo com o tema, a pessoa pesquisadora em abordagem fenomenológica deva retirar o máximo de informações de um número limitado de participantes, o que pode ser feito suficientemente entre três e seis indivíduos.

A fenomenologia, enquanto corrente filosófica fundada por Brentano e Husserl, centra-se na análise das experiências conscientes, compreendendo o fenômeno como aquilo que se manifesta à consciência, independentemente de sua realidade objetiva (VIANNA, 2008; RIBEIRO JÚNIOR, 2003). Nessa perspectiva, o mundo só adquire significado por meio das vivências subjetivas, pois, como afirma Sanders (1982, p. 354, *tradução nossa*): “a Fenomenologia, definida de maneira mais simples, é o estudo dos fenômenos conscientes, isto é, uma análise da forma pela qual as coisas ou as experiências se mostram”⁷. Trata-se, portanto, de uma abordagem que prioriza a descrição dos fenômenos tal como são apreendidos pela consciência, sem pressupostos ontológicos ou juízos de valor.

O método fenomenológico, nesse sentido, busca apreender os significados atribuídos pelos sujeitos a suas experiências, já que, conforme André (2005), é essencial adentrar seu universo conceitual para compreender suas interpretações do real. Essa postura alinha-se ao interpretacionismo, que enfatiza a construção de sentidos a partir das interações humanas (MOREIRA, 2004). Assim, a fenomenologia não investiga a realidade em si, mas sim a correlação entre consciência e fenômeno, destacando a subjetividade como eixo central para a compreensão do mundo vivido (RIBEIRO JÚNIOR, 2003). Dessa forma, a análise fenomenológica do *corpus* requer uma abordagem que privilegie a descrição rigorosa das estruturas da experiência, visando desvelar os significados imanentes às vivências dos sujeitos.

A pesquisa de Silva (2020) nos apresenta os três narradores participantes como membros associados ao *Coletivo Afrobixas*, um grupamento de militância social surgido em novembro de 2015, na Universidade de Brasília (UnB), após uma roda de conversa chamada *Entre o objeto e o animal*, que foi promovida pelos próprios estudantes como parte das comemorações da Semana da Consciência Negra na universidade. Naquele encontro, o tema foi pensado para contemplar vivências de negros homossexuais e facilitar a existência de um espaço seguro de fala sobre questões ligadas a interseccção dessas identidades e de violências sofridas nesse contexto. Após o debate, a proposição de um grupo permanente que acolhesse essa temática foi acolhida pelos presentes.

Uma vez criado o Afrobixas, uma página na rede social Facebook⁸ foi construída pelos coordenadores do grupo, a fim de estabelecer conexão entre os participantes daquela roda de conversa. À época houve grande adesão de interessados pertencentes a contextos sociais e institucionais que extrapolavam o espaço da UnB. Reuniões e encontros presenciais sobre

⁷ “Phenomenology, most simply stated, is the study of conscious phenomena: that is, an analysis of the way in which things or experiences show themselves”.

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/afrobixas>>. Acesso em: 24 abr. 2025.

vivências e estudos começaram a acontecer na área externa da Biblioteca Nacional de Brasília, área mais centralizada da cidade, ao lado da Rodoviária do Plano Piloto, de fácil acesso para pessoas do centro e da periferia. O coletivo contava, naquele momento, com 165 associados virtuais no Facebook e de 20 a 30 membros ativos presencialmente nas reuniões (SILVA, 2000).

O posicionamento político do Coletivo Afrobixas tem estado no enfrentamento ao racismo e à *lgbtfobia*, por meio da formação humana de seus integrantes negros de sexualidades periféricas. Isso significa dizer que como coletivo, o Afrobixas aproxima sua pauta de reivindicação social ao *Movimento Negro* e ao *Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais* (LGBT)⁹, promovendo acolhimento, discussão política e ação social de pessoas que se identificam com seus objetivos (SILVA, 2000).

Nos últimos anos, o coletivo tem tido atuação mais frequente por meio de reuniões virtuais entre seus 14 membros efetivos, além de palestras temáticas com convidados externos, via plataformas de reuniões on-line, ou por meio da rede social Instagram¹⁰, onde tem mais frequência de postagens e *lives*¹¹. Também tem atuado na promoção de saraus culturais, numa valorização de seus aspectos intelectuais e artísticos de pessoas negras *gênero-sexual dissidentes*¹².

Na interpretação das narrativas autobiográficas selecionadas sobre o tema emergente da construção de masculinidades negras homossexuais, buscamos dialogar com perspectivas de construção histórica, política e simbólica dessas vivências nos diversos momentos em que esse diálogo é solicitado, dentro dos pressupostos teóricos interseccionais.

Experiências homoeróticas e masculinidades negras homossexuais em narrativa

Com a intenção de estabelecer um diálogo entre as considerações da seção anterior e uma interpretação fenomenológica das narrativas autobiográficas do *corpus*, buscamos descrever de que formas o fenômeno da construção das masculinidades negras emerge dos relatos daqueles participantes sobre “(...) um conjunto de ações que um indivíduo direciona para outro do mesmo sexo, com implicações afetivo-sexuais” (FERNANDES, 2015, p. 42)¹³. Com isso, queremos compreender, com base nas experiências homoeróticas dos narradores participantes, “o que fica para o sujeito (Eu) de sua redução do objeto (fenômeno visado)” (RIBEIRO JÚNIOR, 2003, p.

⁹ Atualmente há um movimento político-ativista de ampliação dessa sigla representativa para LGBTQIAPN+ (incluindo pessoas assexuais, pansexuais, não binárias e de outras identidades sexuais e/ou de gênero).

¹⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/4jP7Bhk>>. Acesso em: 24 abr. 2025.

¹¹ Essas informações foram obtidas por meio da experiência pessoal do coautor deste artigo, Pedro Ivo Silva, como integrante do Coletivo Afrobixas, tendo acesso a relatórios, agendas, reuniões, além de participar da organização de eventos juntamente com demais colegas do grupo, desde 2016 até o momento.

¹² Utilizamos o termo para representar pessoas que, em seus corpos e suas histórias de vida, contrapõem-se ao dispositivo heterocisnormativo (Camarano, 2020), o que engloba também aquelas que, mesmo sendo dissidentes em gênero e/ou sexualidade, muito se aproximam dele. Isso porque essa aproximação indica que são cotidianamente cooptados por esse dispositivo de poder para exercer uma performance social que lhes causa menos desconforto psicológico ou suscetibilidade à violência, especialmente diante de situações lgbtfóbicas.

¹³ Ver nota de rodapé nº 7.

14) a partir de suas vivências narradas, que é a finalidade da abordagem fenomenológica que nos propusemos a adotar.

Narrativas (auto)biográficas podem corroborar ou refutar percepções sociais em suas análises interpretativas. De fato, a (auto)biografia pode ser entendida como um processo (auto) reflexivo que “(...) proporciona a capacidade de avaliar a construção identitária de si e sua relação com os outros partícipes da história relatada” (SILVA, 2020, p. 48). Compreensão similar é a que atesta a (auto)biografia como “ (...) uma história de vida escrita pela própria pessoa sobre si mesma, ou registrado por outrem, concomitante com a vida descrita, na qual o narrador esforça-se para exprimir o conteúdo de sua experiência pessoal” (CHIZZOTTI, 2011, p. 103). Esse entendimento confirma a possibilidade do campo teórico das “histórias de vida” (JOSSO, 2004) expandir-se em diversas frentes metodológicas de abordagens fenomenológicas na compreensão de vivências de sujeitos socialmente dissidentes.

De acordo com Marsiaj (2003), ante o processo afirmativo e “positivo” da identidade homossexual desde as décadas de 1960 e 1970, o suporte midiático em todo o mundo passa a ser uma constante, mas não sem o ônus exigido pelo capitalismo. Argumenta o autor que a maior aceitabilidade e abertura social à participação e socialização dos homossexuais, seja nas esferas públicas ou autônomas, requerem sua transformação em um nicho de mercado. Esse ideal tem sido a maioria das vezes representados sob um gênero, uma classe e uma raça específicos – o homem gay branco de classe média.

Diante dessa explanação, apresentamos um trecho da narrativa de Malcolm, em que relata sobre seu trabalho no Consulado Britânico e sobre como a liberdade maior conquistada por esse emprego e seu *status* social auxiliou na sua identificação com a comunidade gay e na promoção de suas interações homoeróticas nesse meio. Relata o participante: “(...) eu comecei a ter mais dinheiro, (...) foi o período em que eu descobri as boates e que eu fui me acostumando a ideia de ser gay na época, (...) estava me entrosando com esse movimento LGBT” (MALCOLM, citado em SILVA, 2020, p. 162).

A identificação do narrador com o “ser gay” adveio do estabelecimento das redes homosociais que fez quando passou a ter mais dinheiro, frequentando ambientes gays localizados no centro de Brasília, em torno de certa “cultura gay” que passou a experimentar. Esse trecho de seu relato entra em consonância com a análise de Marsiaj (2003) sobre as condições econômicas interferirem, de forma indireta ou direta, em como pessoas homossexuais se inserem nos grupos identitários de gays ou lésbicas, bem como na maneira com que se relacionam afetiva e amorosamente.

Essas primeiras experiências do participante com as sociabilidades homossexuais aproximaram-no de um padrão da comunidade gay branca e de classe média, influente inclusive em seus envolvimento românticos, mesmo sendo negro e morador de uma cidade periférica localizada no entorno do DF. Isso pode ser observado no que descreve mais adiante em sua narrativa:

(...) considerando que eu tinha mais dinheiro, eu estava indo mais pro centro do que ficando próximo dos meus, eu comecei a me envolver mais com pessoas brancas, e eu não tinha raciocinado sobre isso; eu não tinha consciência de classe, de raça, então eu ia pras festas do centro nos fins de semana e ficava

com essas pessoas brancas e eu percebia que eu não era tratado da mesma maneira [que elas] na boate (MALCOLM, citado em SILVA, 2020, p. 163).

A percepção racializada que Malcolm tem de suas relações afetivas é também encontrada em um trecho do relato de Rodrigo, em que interpreta comentários ouvidos a respeito do seu corpo como um estereótipo social de masculinidade de homens negros:

(...) durante a faculdade eu tive dois namorados, os dois eram brancos, e eu me senti objetificado algumas vezes, senti um tratamento diferente por ser negro, não tanto deles, mas das pessoas que estavam ao redor, tipo “nossa fulano tá pegando um negão, que safado”, e isso sempre me incomodou bastante. Por que “safado”, só porque sou negro? Se fosse com um branco você falaria a mesma coisa? (RODRIGO, citado em SILVA, 2020, p. 180).

O relato de Rodrigo corrobora a necessidade da análise

(...) da racialização do sexo e da sexualização da raça como um processo normalizador duplamente naturalizante e subordinador que marca a história e a dinâmica das relações sociais das sociedades pós-coloniais e, em particular, daquelas que convivem com o legado da escravidão (Miskolci, 2007, p. 13-14).

No esteio da argumentação do autor sobre como a matriz social hegemônica é capaz de produzir valor humano com base na relação intrínseca das categorias de raça e sexo, Pinho (2005) assevera que, mesmo diante de modelos culturalmente construídos como mais aceitáveis ou desprezíveis de masculinidades conflitantes (significativamente entre homens gays *versus* heterossexuais; brancos *versus* negros), o corpo negro nunca passa despercebido. Tem sobre si, portanto, em consonância com o pensamento de Fanon (2008), o simbolismo do que não é universal, do que é tratado como exótico, suscetível à fetichização, processos que desumanizam tal corpo.

Na interpretação da narrativa do participante Danilo, selecionamos um trecho em que relata o processo de aceitação de sua homossexualidade e o início de seus envolvimento com outros homens. O princípio desses envolvimento se dá virtualmente e o participante parece demonstrar a negação de suas características negras como meio de estabelecer esses contatos homoeróticos:

(...) eu comecei a ter contato com pessoas não negras, um contato melhor, que nunca tinha acontecido, em que eu fui conseguindo aceitar essa sexualidade. Primeiro foi com um perfil *fake* no Facebook como uma pessoa branca [pausa]. É muito rico porque, nossa! Eu usava uma pessoa branca [pausa longa], mas por que eu usava uma pessoa branca? (DANILO, citado em SILVA, 2020, p. 168).

Ao se fazer passar por uma pessoa branca por meio de um perfil *fake*, Danilo corrobora a influência notada na construção do ideal contemporâneo da imagem do gay como modelo de cidadão-consumidor branco e de classe média, resultante da intersecção entre raça e classe social mais conveniente à transformação das relações homossociais em nicho mercadológico

(MARSIAJ, 2003); e denota também a colonização do desejo, que é hegemonicamente construído para corpos brancos, ao adotar uma foto de pessoa branca como sua para tornar-se mais apto a receber afeto e contato naquela rede social. Essas interpretações possíveis sobre a experiência relatada por Danilo parecem estabelecer um diálogo com as experiências pontuadas por Malcolm no campo afetivo de suas homosociabilidades, remetendo a formas interseccionais de suas autopercepções como negros homossexuais.

Danilo demonstra, ainda, uma reflexão contrária à “imagem modelo” de homens gays anteriormente mencionada, quando começa a namorar um rapaz negro e a refletir sobre sua própria expressão de masculinidade interseccionada por fatores muito diferentes daqueles elencados acima por Marsiaj (2003). No esteio dessa inferência sobre sua narrativa, vejamos um trecho sobre a experiência relatada:

Eu percebi toda essa identificação por causa da nossa estética/aparência, nossos posicionamentos políticos, todos os nossos pensamentos eram complementares, o que geralmente não ocorre numa relação inter-racial. (...) As relações virtuais através dos *fakes* brancos-héteros-másculos-ABNT e os problemas em relacionamentos passados inter-raciais eram os mesmos; questões familiares, enfim... Concluimos que a vida de preto viado segue sempre o mesmo caminho: não afetividade e baixa autoestima (DANILO, citado em SILVA, 2020, p. 168).

Com esse relato, compreendemos que Danilo estabelece em seu discurso uma crítica social convergente à afirmação de que “(...) as comunidades de gays, de homossexuais, produziram uma determinada brancura ou a branquitude gay como a norma estética” (PINHO, 2004, p. 129). Nessa baila, o entrevistado parece reforçar e valorizar sua negritude em vivências e práticas compartilhadas, assumindo uma abrangência política de sua identidade e estabelecendo uma contra-hegemonia como resistência (PINHO, 2004), diante do padrão de branquitude encontrado dentro da comunidade gay em suas experiências pessoais.

Com base na perspectiva interseccional entre raça e sexualidade – além de outras nuances entrecruzadas, como masculinidades e classe social – adotada na interpretação das narrativas autobiográficas estudadas, não pretendemos afirmar que homens cisgênero homossexuais negros sejam completamente vítimas das normatizações advindas da formação humana hegemônica no Ocidente. Se por um lado uma nova masculinidade pode ser construída por homens homossexuais, como sugere Anzaldúa (1999), por outro, Pinho (2005), Fanon (2008), bell hooks (2013) e Deivison Faustino Nkosi (2014) argumentam que a emasculação do homem negro diante da subordinação racial socializa-o dentro do estereótipo da virilidade e da truculência como reação à castração sobre o acesso aos espaços e formas de poder do patriarcado da supremacia branca.

Postulamos, ainda, que além dessa faceta reativa, a construção da masculinidade negra como violenta parece atender também às estratégias de desumanização coloniais em que conceitos como saber, razão, estrategismo e demais atributos são positivados e associados à branquitude, enquanto outros como violência, loucura, desvairo são pejorativos e associados à negritude, de modo a questionar a civilidade de pessoas negras. A violência parece ser, ao mesmo tempo, estratégia e consequência da articulação intrínseca de raça e gênero na construção não só dos

estereótipos sexuais de selvageria e descontrole associados às pessoas negras, mas da sensualidade e do desejo “corretos” e desejáveis associados às pessoas brancas (nascimento, 2019).

Com base nisso, compreendemos que a animalização do corpo negro na construção do criado supermasculino (NKOSI, 2014) atinge não só o corpo de homens negros heterossexuais, mas também de negros homossexuais, conforme foi possível inferir das histórias de vida de Rodrigo e Danilo.

A narrativa de Danilo expõe, ainda, as expectativas da sociedade sobre o corpo negro do entrevistado e como este manifesta sua identidade fora do padrão esperado, com seus trejeitos e voz afeminados, porém sem perder de vista suas identificações com sua negritude ou com sua homossexualidade:

(...) assim, eu tenho 1,90m de altura quase, não sou gordo nem magro, assim posso [pausa] tentar falar que sou um padrão né? Tipo assim, um negro de 1,90m de altura, meio que com corpo padrão, e aí quando ele abre a boca, sabe, é a “bixa”, é “viado”, é o efeminado, sabe? [pausa] Assim, causa aquele estranhamento (DANILO, citado em SILVA, 2020, p. 169).

O estranhamento a que se refere o participante reforça a ideia sobre a existência no imaginário social ocidental da “pré-suposição de uma identidade negra que é masculina, que exclui a mulher, que exclui o homossexual” (PINHO, 2004, p. 129). Sua narrativa é capaz de estabelecer uma crítica social por meio de vivências geradoras de liberdade de expressão e de identificação contra uma imagem hegemônica de masculinidade negra homossexual, pautada pela heterocisnormatividade, que se funda “num padrão normativo hegemônico ocidental (...) que, além de partir do pressuposto da heterossexualidade compulsória, hierarquiza e atribui valores aos sujeitos, às feminilidades, às masculinidades, aos arranjos socioafetivos familiares, à sexualidade e às relações de poder” (DARDE, 2008, p. 224).

Essas ponderações e interpretações que apresentamos complementam o sentido de que não fazemos uso teórico da perspectiva interseccional com vistas a vitimizar um grupo específico, ao mesmo tempo em que consideramos pertinente a emergência do essencialismo identitário de um grupo minoritário diante da ação do poder hegemônico normatizador (hooks, 2013) ao valorizar suas características identitárias raciais e homossexuais de maneira confluyente.

Considerações em expansão

O método fenomenológico tem mostrado meios capazes de auxiliar nas dimensões subjetivas e sociais de comunicação, compreensão e interpretação no processo de construção do conhecimento e na percepção da realidade dos narradores participantes acerca de seus relatos transcritos. A construção de conceitos sobre masculinidades negras e a contribuição de perspectivas interseccionais na descrição das experiências relatadas permitem, com base na interpretação fenomenológica proposta, o surgimento da correlação entre negritude e homossexualidade no que se refere à vivência individual similar do fenômeno (RIBEIRO JÚNIOR, 2003) entre os narradores, com base em suas narrativas autobiográficas estudadas.

Essas narrativas geradas conseguem dialogar com o que assevera Louro (2015) sobre a hierarquização dos sujeitos, nas sociedades modernas ocidentais, dar-se por meio de suas marcas fenotípicas, sexuais e de comportamento, as quais revelam o lugar de poder ou submissão no interior dessas sociedades. Isso corrobora o entendimento de que as experiências descritas de Malcolm, Danilo e Rodrigo podem ser características recorrentes no fenômeno da construção de masculinidades negras homossexuais.

Nesse sentido, a compreensão das experiências narradas parece apontar para a dimensão opressiva em que vivem indivíduos que se identificam com a negritude e com a homossexualidade, em aspectos que estão para além das especificidades identitárias desta ou daquela categoria isoladamente, ainda que a marca racial tenha, nas histórias de vida dos narradores participantes, maior evidência no enfrentamento diário ao imaginário social racista construído e perpetuado em séculos de colonização no que se refere ao corpo negro masculino no mundo, como apontado nos estudos de Fanon (2008), Nkosi (2014) e Pinho (2004; 2005).

Consideramos que Malcolm, Danilo e Rodrigo são capazes de demonstrar, em suas vivências interseccionais entre negritude e homossexualidade, construções alternativas de suas masculinidades referenciadas na pluralidade de seu entrelaçamento identitário. Além disso, os narradores participantes reforçam, por meio de suas narrativas autobiográficas, como muitas vezes a não problematização e o silêncio diante das opressões de racismo e da homofobia cotidianos, conjuntamente a fatores como a classe socioeconômica – talvez em todo o mundo ocidental – alimentam e naturalizam tais práticas, as quais estruturam hierarquias sociais de poder.

Referências

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, Papirus, 2005.

ANZALDÚA, Gloria. **Towards a new consciousness**. San Francisco: Aunt Lute Books: 1999.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**. Trad. de Édna de Marco. Santa Catarina: UFSC, v. 8, n. 1, 2000 [1981], p. 229-236. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 07 set. 2024.

BRAH, AVTAR; PHOENIX, ANN. Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality. **Journal of International Women's Studies**. Bridgewater: Bridgewater University Press, v. 5, n. 3, p. 75-86, 2004. Disponível em: <<http://vc.bridgew.edu/jiws/vol5/iss3/8/>>. Acesso em: 07 set. 2024.

CAMARANO, Pedro Anácio. **Arqueogenealogia bajubeira: uma análise de práticas de poder e resistência**. 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Catalão. Catalão, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufcat.edu.br/tede/handle/tede/10677>>. Acesso em: 18 abr. 2025.

CASTRO, Raimundo Mota de. **Ensino religioso na escola pública: histórias e memórias**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2011.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**. Chicago: Chicago Unbound, v.1, article 8, p. 139-168, 1989. Disponível em: <<http://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>>. Acesso em: 07 set. 2024.

DARDE, Vicente William da Silva. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Em Questão**. Porto Alegre: v. 14, n. 2, p. 223-234, jul-dez. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/3109/4870>>. Acesso em: 07 set. 2024.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/webby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf>. Acesso em: 07 set. 2024.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. dos Recursos Humanos da Saúde/ Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 35-50.

LINS, Beatriz Acciolly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LORDE, Audre. **I am your sister: collected and unpublished writings of Audre Lorde**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARSIAJ, Juan P. Pereira. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos AEL**. Campinas: UNICAMP, v. 10,

n. 18/19, 2003, p. 131-147. Disponível em: <<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/acl/article/view/2511>>. Acesso em: 07 set. 2024.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a questão das diferenças. 16º Congresso de Leitura do Brasil (COLE) - No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007, no. 1, p. 1-19. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acesso em: 07 set. 2024.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói-RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004, p. 15-34.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NASCIMENTO, tatiana. **Cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor**. São Paulo: n-1, 2019.

NKOSI, Deivison Faustino. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75-104.

PINHO, Osmundo de Araújo. A Guerra dos mundos homossexuais: resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: **Homossexualidade, Produção Cultural e Cidadania**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004, p. 127-134.

PINHO, Osmundo de Araújo. Etnografia do Brau: corpo, masculinidade e raça na reafirmação em Salvador. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13, n. 1, 2005, p. 127-145.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **Introdução à fenomenologia**. Campinas: Edicamp, 2003.

SANDERS, Patricia. Phenomenology: a new way of viewing organizational research. The Academy of Management Review. New York: Academy of Management, v. 7, n. 3, p.353-360, 1982. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/257327>>. Acesso em: 07 set. 2024.

SILVA, Pedro Ivo. **Afrobixas: narrativas de negros homossexuais sobre seu lugar na sociedade** (Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias), 2017. 150 f. - UEG, Anápolis, 2017. Disponível em: <http://www.cdn.ueg.br/source/mielt/conteudoN/1307/Pedro_Ivo_Silva_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SILVA, Pedro Ivo. **Narrativas Afrobixas**. Curitiba: Appris, 2020.

VIANNA, Nildo. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Bauru: Edusc, 2008.